



I JORNADA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA REGIÃO SUL

Símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio¹

Antonio Galdino da Costa

Mestre em Educação Física (UFSC), Professor do CEFETSC/São José

E-mail: galdino@sj.cefetsc.edu.br

Giovani De Lorenzi Pires

Doutor em Educação Física (UNICAMP); Professor do DEF/UFSC

E-mail: giovanipires@cds.ufsc.br

Resumo: O presente estudo realizado no CEFETSC – Unidade de São José - buscou compreender o cotidiano dos jovens de ensino médio, alunos de primeira fase recém-chegados a escola. De como estes constituem seus grupos tendo a moda/indumentária como um dos símbolos que facilita essa aproximação, como um símbolo de comunicação e identidade provisória. Perspectiva que a escola tem também a função de interagir com estes sujeitos para além do tempo/espaço da sala de aula, pois nestes espaços os jovens comunicam suas identidades, constituem seus grupos e se reconhecem neles.

Palavras Chave: jovens, moda/indumentária, símbolo de comunicação, identidades, escola

I. Introdução

A temática de que trata este estudo, surgiu da inquietação em tentar compreender um pouco mais o cotidiano das culturas juvenis para além do tempo/espaço da sala de aula. A pesquisa se desenvolveu numa perspectiva de saber como se constituem os grupos, com as suas respectivas identidades, como os alunos se integram (ou não) a esses grupos, a partir de suas identidades corporais provisórias e quais

símbolos comunicacionais contribuem para esse processo.

Para levar a cabo uma investigação desse tipo, é preciso ver o aluno dialeticamente na sua individualidade e no seu pertencer ao grupo. E também perceber grupos cuja dimensão e forma de constituição é diferente da turma, grupo que a escola constitui, percebe e controla. Para Sacristán (1999, p. 47): “sem atender aos significados dos sujeitos não se pode entender os fenômenos culturais e sociais concernentes à educação”.

O fazer escolar é quase sempre voltado para o processo ensino-aprendizagem, focado principalmente na sala de aula (ou no

¹ Texto elaborado a partir da dissertação de Mestrado apresentada em fevereiro de 2006 ao Curso de Mestrado em Educação Física da UFSC (COSTA, 2006). Este texto também foi apresentado no Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte – Santa Maria/06.

laboratório, na quadra etc.) e limitado aos saberes institucionalizados, apropriados e transmitidos pela escola. São desprezadas outras dimensões igualmente importantes da experiência humana, tais como as relações interpessoais, os princípios éticos e os valores estéticos.

Uma das posturas mais sistemáticas da escola é desconsiderar os grupos que são formados autonomamente pelos alunos e até desorganizá-los quando o grupo, na visão da escola, interfere nos propósitos escolares. A escola estabelece certas normas e exige seu cumprimento.

Em nosso entendimento, a escola precisa conhecer um pouco mais do cotidiano da juventude – ou melhor, juventudes – para poder intervir, atuar e interagir *com* os alunos, e não *contra* os alunos, também a partir de suas realidades, de seus momentos de convívio no ambiente escolar, de suas falas, de seus grupos e de suas diferentes formas de interação. De acordo com Dayrell (2005, p. 115), “o grupo significa um espaço de aprendizagem e de aprimoramento pessoal, um dos poucos espaços coletivos em que há aprendizagem de relações de confiança coletivas”. Conhecer o cotidiano dos alunos em seus grupos é importante para que a escola possa compreender um pouco mais sobre a vida destes alunos para além da sala de aula.

A formação dos grupos acontece pelas formas de comunicação que estão presentes em todos os atos como um fenômeno humano. Entre outras, são as identidades corporais que, como símbolos de comunicação, facilitam a aproximação e a construção dos grupos com seus diferentes significados.

Como decorrência disso, um dos pontos que pode ser observado na constituição dos grupos é o uso da moda/indumentária como símbolo de comunicação. Os grupos formados, muitas vezes, ostentam cores e modelos de vestimenta bem parecidos, que funcionam como símbolos de identificação. A comunicação, presente em todos os nossos atos, é a primeira forma de sermos interpretados. Certas convenções que comunicam intensamente, como as roupas e adereços, estão muito além da compreensão da escola, apesar de “visitarem” seus domínios. Sob este aspecto, para a escola existe tão-somente o uniforme, a subjugar formas simbólicas de comunicação.

Moda/indumentária talvez seja um dos elementos de maior visibilidade na atualidade.

A influência da moda/indumentária sobre o cotidiano das culturas juvenis, considerando seu papel como um símbolo comunicacional, possibilita compreender melhor essa forma de comunicação acontece no espaço escolar, especialmente no que se refere à formação de grupos, ao estabelecimento de relações sociais e à busca do pertencimento.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi o de compreender a comunicação nas culturas juvenis expressa por meio dos símbolos da moda/indumentária e adereços no ambiente escolar, levando em conta as questões socioculturais dos alunos, seus diferentes grupos e culturas, que podem ser comunicados em diferentes espaços na escola, também por meio das formas simbólicas².

Neste sentido procuramos analisar as questões relacionadas à juventude na perspectiva de um universo mais amplo, como uma categoria sociológica e historicamente construída (PAIS, 1993), e assim tentamos dar conta dos objetivos que propomos para esta investigação. Toda a complexidade inerente à categoria culturas juvenis pode ser exposta na seguinte pergunta de partida: Quais os significados comunicacionais que subjazem às identidades corporais provisórias dos jovens no âmbito escolar, expressas na moda/indumentária?

Como decorrência dessa preocupação e como forma de subsidiar a reflexão sobre o problema da pesquisa, seguimos algumas questões de investigação, que foram assim formuladas:

◆ Como moda/indumentária podem ser percebidas como símbolos de comunicação na escola?

◆ É possível reconhecer tais símbolos como facilitadores para a formação de novos grupos de alunos recém-chegados à escola?

² Para Thompson (1995, p. 79), as formas simbólicas são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”.

- ◆ Como estes símbolos são percebidos e significados pelos jovens?
- ◆ O espaço escolar pode contribuir para a formação das identidades corporais provisórias, através da moda/indumentária?

1.2 O percurso metodológico

A pesquisa foi realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, Unidade São José, na região da grande Florianópolis, a partir da primeira semana de aula dos alunos, quando da chegada destes na escola, no começo do semestre letivo de 2005/1, que teve início no dia oito de abril de 2005, até o dia 3 de junho, num total de dezesseis observações/dia. A realização dos encontros com os grupos focais deu-se de 20 de junho a 15 de julho. A pesquisa foi realizada com uma turma de primeira fase, com todos os alunos (32) recém-chegados à escola.

Quanto ao tipo de estudo que foi desenvolvido, pode-se caracterizá-lo como uma observação participante, que se propôs a descrever e interpretar aspectos da comunicação simbólica expressos na moda/indumentária e adereços, e sua implicação na constituição de grupos sociais dentro de um recorte específico do cotidiano cultural juvenil (âmbito escolar), a partir de aspectos do método proposto por Thompson (1995), que é a hermenêutica de profundidade.

A denominação dos grupos foi feita em alusão à forma como a área da moda/indumentária trata suas linhas de produção de acordo com os estilos e as estações. Trata-se de denominação *ad hoc*, que não tem a pretensão de rigor científico, foram eles: *Fashion*, *Sportwear*, *Street Wear*, *Moda Rock* e *Jeanswear*.

A opção pela técnica dos grupos focais deu-se pelo fato de que, ao permitir a focalização temática, ela possibilita o aprofundamento das reflexões e discussões entre os sujeitos da pesquisa, mediadas pelo próprio pesquisador. Assim, a interpretação dos dados foi feita a partir dos textos constituídos pelos registros das observações de

campo e dos depoimentos dos grupos focais, tendo as fotos como suporte técnico.

Para a análise de conteúdo, trabalhamos com eixos temáticos que foram identificados num duplo movimento: por se constituírem em trama das questões de investigação e, por isso, serem utilizados também como tópicos do roteiro dos diálogos nos grupos focais. Assim, os eixos temáticos tiveram sua definição (provisória) preliminarmente às observações do campo; todavia, o campo veio confirmar a pertinência das temáticas preestabelecidas, sendo a que o eixo temático referente ao preconceito surgiu no campo. Eles apareceram nos relatos do campo.

II. Retratos do Campo

O cotidiano da turma quanto à movimentação dos alunos no espaço escolar foi-se constituindo ao longo do período de observação e acompanhamento. Nos primeiros dias, os alunos se deslocavam meio alheios ao ambiente, como se procurassem seus pares. Alguns alunos já se conheciam, pois provinham da mesma escola do ensino fundamental. Com o passar dos dias, os alunos foram se aproximando e formando seus grupos, e consolidando os já existentes. Tanto na sala quanto nos demais locais da escola, os espaços começaram a ser ocupados, transformando-se nos “pedaços” dos grupos, conforme apareceu no trabalho, a partir da observação e das fotografias da turma em seu cotidiano escolar. Foi possível ver as coincidências (ou não) com que aconteciam os encontros dos jovens, e seus grupos se formando e se reunindo quase sempre nos mesmos espaços da escola. Segundo Pais, as culturas juvenis, além de serem socialmente construídas, “têm também uma configuração espacial” (PAIS, 1993, p. 118).

Para tratar da análise dos relatos do campo, optamos por abordá-los a partir dos eixos temáticos, tendo presente também algumas falas dos grupos para destacar a importância destes sujeitos no espaço/tempo da escola.

2.1 Aproximações e a formação do grupo: encontros e desencontros

Neste eixo temático, abordamos como se deu a aproximação dos alunos desde a chegada na escola. Os grupos são marcados por algumas diferenças, suas identidades. O fato de alguns alunos já se conhecerem pode ter sido um facilitador para alguns grupos, como o *Fashion*, o *Jeanswear* e o *Moda Rock*. Para os demais alunos, a necessidade de conquistar um espaço e se aproximar de alguém que tivesse afinidades com suas maneiras de pensar, ser e agir foi marcante para formação do grupo.

Eu vi a necessidade de me juntar logo com um grupo assim, porque já estava em abril... já, assim, quase na metade de abril. Eu já vi, assim, vou me juntar com um grupo logo, pra mim já ter uma, uma referência assim. (Grupo *Sportwear*)

2.2 Interesses comuns: caracterização e identificação como grupo

A identificação como grupo é dada de diferentes formas, pois cada grupo tem seus símbolos, suas identidades e assim constroem suas identificações. Mas a música é um dos itens que marca a identidade dos grupos, aliada ao desenho, filmes, estilo de vestir e o companheirismo, itens que aparecem nas falas dos diferentes grupos e que os caracterizam.

A moda/indumentária serve tanto para aproximar quanto para manter distância. Isto fica visível no cotidiano escolar, em que os sujeitos de cada grupo têm características bem parecidas, conforme o gosto e os símbolos que cada grupo tem ou com os quais se identifica.

Quando eu fui conversar com o Bené, primeira vez aí eu olhei ele assim, olhei bem assim. “Ele não deve ser aquele tipo malaco³ que eu não gosto”. Assim, entendeu, eu não gosto desse tipo malaco,

³ Segundo os jovens, malaco é aquela pessoa que veste roupa toda largada, com a calça caída, boné na diagonal, tênis grande.

assim. Aí, pô, eu olhei bem ele, assim. “Pô, não deve ser, eu vou conversar com ele, ele deve ser gente fina”, assim. (Grupo *Sportwear*)

2.3 Identidades corporais provisórias: moda/indumentária como facilitador para a formação dos grupos

A moda/indumentária foi reconhecida pelos sujeitos da pesquisa como um símbolo de comunicação. Se ela é uma das formas de comunicação que está presente em nossa sociedade há muito tempo, isso não é diferente no espaço escolar. Além de atuar como um símbolo de comunicação, a moda/indumentária é também um dos itens de consumo dos jovens que demonstram sua preocupação em estar na moda, e alguns desses sujeitos dizem ter na vestimenta um dos símbolos de diferenciação:

Porque pela vestimenta, assim, se faz... Pela indumentária do cara, se faz um pré-julgamento dele, né. Isso é errado, assim, lógico. Mas é uma coisa inconsciente. Assim, por exemplo, se vê um “ferrado” todo assim. Não vai ser uma coisa meio compatível assim. Vai ser diferente. (Grupo *Sportwear*)

2.4 Outros símbolos comunicacionais e identitários: os adereços

O uso dos adereços é um dos itens que gera certas divergências entre grupos e mesmo até entre alguns alunos do próprio grupo. Pois enquanto alguns sujeitos do grupo gostam de adereços e os usam, outros apenas os admiram, mas dizem que não usariam.

É, este aqui é um símbolo egípcio, né. Como eu tava falando, daí, sei lá, tá relacionado... Eu gosto, enfim... Tem o Franco que também tem uma dessa. Assim, todo mundo vai bem lá. Daí vai descobrindo as afinidades mesmo, os gostos que se batem. Mas tu vai descobrindo a partir do convívio. Não

por causa deste símbolo que se aproximou deles. Mas foi descobrindo que a gente tinha mesmo alguns gostos parecidos, a partir do convívio, de conversas [...] Se todo mundo ficasse quieto, ninguém conversasse, ninguém ia descobrir que era parecido ou não, né. (Grupo *Moda Rock*)

2.5 O uniforme escolar: disputa e negação de identidade

Conforme Barnard (2003), o uso do uniforme tem um objetivo que é o da instituição mostrar seus valores para além dos muros, isto está presente desde as cores, os modelos. A escola em que foi realizada a pesquisa não adota o uso do uniforme. Sendo que a grande maioria dos alunos concorda com o não uso do uniforme, pois assim eles têm a oportunidade de mostrar suas identidades e por conseqüências construir seus grupos mais depressa, para eles uma das únicas justificativas seria quanto à questão econômica. O fato de não usar uniforme dá mais liberdade de expressão para os jovens. A escola procura comunicar, por meio do uso do uniforme, sua organização, sobriedade, austeridade, sua erudição.

Mais liberdade, né, de se expressar, sabe, pode botar a roupa que tu quer, quando tem uniforme se sente mais presa, mais parece que tão mandando em ti. (Grupo *Jeanswear*)

2.6 Moda/indumentária das diferenças: a presença (nem sempre) sutil de preconceitos

O preconceito é o único eixo temático que não foi apontado preliminarmente, tendo surgido nas conversas com alguns dos grupos focais. E o que cabe enfatizar é que muitas vezes a naturalidade, e/ou simplesmente o não perceber dessas atitudes, esconde ou camufla a forma como se dirigem aos

diferentes. Na negação da aproximação pela forma de vestir, ou pelos gostos dos sujeitos, o preconceito pode estar presente, mesmo que seja negado:

Eu prefiro me aproximar de um cdf⁴ que de um Malaco. (Grupo *Sportwear*)

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário destacar que o presente estudo enfrentou as dificuldades inerentes a uma temática pouco desenvolvida no cotidiano escolar, que são os estudos sobre as culturas juvenis não focados exclusivamente no processo ensino-aprendizagem. Além disso, o recorte procedido para estudos dos jovens, relativo à compreensão da moda/indumentária como identidade corporal provisória e símbolo de comunicação, exigiu esforços extras para estabelecer um diálogo entre o núcleo de senso comum a este respeito – tão presente nos estudos sobre o cotidiano – e os muitos aportes teóricos que vêm do campo das ciências humanas e sociais. Reconhecemos também a necessidade de outros estudos, com outros símbolos presente no cotidiano juvenil, para termos mais subsídios e conhecermos um pouco mais sobre esses sujeitos que estão presentes nos espaços escolares.

Nesta pesquisa, podemos considerar que foram obtidas informações relevantes – mesmo que referidas a um grupo restrito e não generalizáveis ao universo dos jovens – sobre: como os jovens pensam seus espaços; sua importância simbólica social; a construção destes novos espaços e das formas de interação; a formação dos grupos e a inserção dos jovens nos grupos formados.

Pensar as questões que dizem respeito aos jovens a partir de suas pluralidades é de fundamental importância para que possamos suprir um pouco a carência de estudos que tratem das mais variadas formas simbólicas de os jovens se constituírem enquanto grupos. Compreender as culturas juvenis dentro e fora dos espaços estabelecidos como formais pela

⁴ Cdf é a forma como os alunos se dirigem a seus colegas que são estudiosos, que dedicam bastante tempo aos estudos.

sociedade é uma das maneiras de buscar uma interação com estes sujeitos e, assim, constituir um ambiente que possibilite aos jovens o exercício de suas potencialidades humanas.

Embora a escola, como espaço social, normalmente ignore esse processo comunicacional, não é assim que os jovens desta pesquisa o percebem. Para eles, a moda/indumentária é percebida como um símbolo de comunicação presente no cotidiano escolar. De acordo com as falas dos sujeitos da pesquisa, não restam dúvidas de que a moda/indumentária, como um dos símbolos de comunicação, tem fundamental importância para que os jovens possam, intersubjetivamente, expressar suas identidades e buscar a construção de seus grupos, conforme seus símbolos de pertencimento.

Conforme Dayrell (2003, p. 185), “a estrutura escolar e os projetos político-pedagógicos ainda dominantes nas escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação da juventude contemporânea”. Desta

forma, o que cabe à escola, diante das dicas e sugestões dos jovens expressas na pesquisa, é buscar a compreensão e interação com estes sujeitos em todo o espaço escolar, não apenas na sala de aula, valorizando os aspectos socioculturais constituintes de suas identidades.

Os jovens gostam da escola, mesmo com suas contradições, eles têm no espaço/tempo da escola um local que lhes proporciona uma interação com seus pares. Eles buscam um diálogo com a escola por meio de sua maneira de se comunicar. Para Dayrell (2003, p. 186), “a escola pouco conhece o jovem que a frequenta, a sua visão de mundo, os seus desejos, o que faz fora da escola, como ocupa seu tempo livre e as expressões culturais com as quais se envolve”. A escola deve ser um local que permita e interaja com as questões socioculturais de seus sujeitos e que reconheça a unidade na diversidade e vice-versa, e isto pode estar nos grupos.

Referências

- ABAD, MIGUEL. Crítica política das políticas de juventude. In: (org.) FREITAS, MARIA VIRGÍNIA DE, PAPA, FERNANDA DE CARVALHO. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: fundação Friedrich Ebert, 2003. Páginas. 13-32.
- ABRAMO, HELENA WENDEL. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- BARNARD, MALCOLM. **Moda e comunicação**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BRENNER, ANA KARINA; DAYRELL, JUAREZ; CARRANO, PAULO. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. Organizadores: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2005. Páginas. 175-214.
- COSTA, ANTONIO GALDINO DA. **Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2006.
- DAYRELL, JUAREZ. Escola e culturas juvenis. In: (org.) FREITAS, Maria Virgínia de, PAPA, Fernanda de Carvalho. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: fundação Friedrich Ebert, 2003. Páginas. 173-189.
- DAYRELL, JUAREZ. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2005.
- PAIS, JOSÉ MACHADO. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- SACRISTAN, J. Jimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

SOARES, LUIZ EDUARDO. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Org. Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Páginas. 130-159

THOMPSON, JOHN. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução: do Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 6ª. Petrópolis: Vozes, 1995.